

## Até quando?

por Leonardo Pereira Mota (MC Leonardo)<sup>1</sup>

Até quando vão fazer de conta que o funk não existe?

Até quando os funkeiros (e não falo só de quem trabalha com funk, mas também de quem curte o funk) vão ficar sem fazer nada?

Em toda história de movimento cultural, principalmente musical, foi preciso que o próprio movimento se impusesse sobre as forças que lhe impediam de continuar a luta pela existência.

Existe uma lei municipal do Rio de Janeiro que vê o Funk como movimento cultural.

Mas tem Baile Funk espalhado por todo Brasil.

Estou há 16 anos no movimento, e não tem uma capital desse país na qual eu não tenha cantado.

Sei da importância de se federalizar essa lei, pois o movimento conta com um verdadeiro batalhão de trabalhadores espalhados por esse Brasil a fora.

Muita gente fala que o “Funk está na mídia” e isso basta. Estão muito equivocados.

Primeiro, a mídia não mostra 10 por cento do que o funk produz.

Segundo, a mídia não discute a situação de amadorismo do movimento.

Terceiro é que, sem existir legalmente, fica difícil correr atrás de direitos e parcerias para se fazer as coisas profissionalmente.

Os concursos de Rap, que iniciaram vários jovens na vida artística, já não existem mais.

Isso porque eram realizados por aqueles que faziam os bailes. Hoje, quem faz os “Bailes Funk” são verdadeiros megaempresários que não têm interesse algum em mudar o movimento.

Todos os MCs que cantam há mais de 10 anos vieram de concurso.

E a importância do concurso é muito simples: é de lá que sai toda opinião que está guardada na cabeça dos jovens favelados. Do jeito que o Funk está hoje, não tem como expressar opinião no movimento.

Do *Rap do Silva* saíram as seguintes frases:

---

<sup>1</sup> MC Leonardo compôs, em parceria com seu irmão MC Júnior, diversos funks de protesto, entre eles o Rap das Armas e milita a favor do reconhecimento do funk como um movimento cultural.

“O Funk não é modismo, é uma necessidade.  
É pra calar os gemidos que existem nessa cidade”

Do *Rap da Felicidade* saiu:

“O povo tem a força, precisa descobrir.  
Se eles lá não fazem nada,  
faremos tudo daqui.”

Tinha um que falava assim:

“Amigo eu moro na favela sim Senhor  
E não tenho vergonha de lá viver  
Nós somos pobres, mas também temos direito  
De ser um povo satisfeito e sem sofrer.”

Todos apareceram em concursos, em uma época em que o funk só tocava dentro das favelas.

Hoje o Funk saiu da favela, tá na televisão, mas ainda continua cem por cento favelado.

As letras, embora não tenham mais começo meio e fim e não expressem indignação por nada de errado que acontece lá dentro da favela, continuam sendo feitas lá.

Não falo em parar de se fazer o Funk da maneira que está, pois isso também é cultura. Falo de não ver o movimento só como indústria e comércio, e sim como um veículo de comunicação.

O Rio de Janeiro nunca precisou tanto de canções pedindo paz.

E nessa onda de política de mentira com armas de verdade, quem sofre mais é a favela.

Na hora que o MC favelado pega o microfone pra cantar, ele só propaga a diversão do sexo!

Se todos que apreciam o movimento quiserem apoiar, incentivar ou propagar novos caminhos, talvez a fonte de inspiração desses “mulekes” serão suas vivências

com essa realidade cruel que é de ser morador de favela, e é isso que eles vão querer contar em suas músicas.

Se fosse há 15 anos atrás, teríamos o Rap do PAC, Rap da Dengue, Rap febre amarela e por aí vai...

Todos tocando na rádio e fazendo a galera dançar, cantar e pensar.

Se depender de quem manda no Funk hoje só teremos Créeeeeeeeeeeeeeu em nossos ouvidos por muito e muito tempo!